

CONDIÇÕES DE TREINAMENTO E PERCEPÇÃO DE DESIGUALDADE GÊNERO ENTRE ATLETAS DE HANDEBOL DE PRAIA

TRAINING CONDITIONS AND GENDER INEQUALITY PERCEPTION AMONG BEACH HANDBALL ATHLETES

Higor Santos Fonseca^{1,2}, Nathalia Nascimento da Silva^{2,5}, Giovanna Xavier de Moura², Ágatha Graça^{2,5}, Arthur Garcia de Sales², Matheus Amarante do Nascimento^{1,2}, Fernando Augusto Starepravo²

¹Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR, Paranavaí-PR, Brasil.

²Universidade Estadual de Maringá, UEM, Maringá-PR, Brasil.

³Centro Universitário Unifatecie, Paranavaí-PR, Brasil.

RESUMO

O presente estudo objetivou analisar a associação entre o gênero dos atletas e a percepção de desigualdades nas condições de formação esportiva, remuneração e profissionalização no handebol de praia. Para tanto, foi realizada uma pesquisa descritiva exploratória com abordagem quantitativa, aplicada a 77 atletas participantes do Circuito Paranaense de Handebol de Praia, em 2024. A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário estruturado e a análise estatística foi conduzida com o teste de Qui-quadrado. Os resultados evidenciaram que o gênero está significativamente associado à percepção de desigualdades, especialmente no que se refere à remuneração e à profissionalização. As mulheres relataram maior frequência de experiências desiguais em comparação aos homens, confirmando que a igualdade formal ainda não assegura equidade real na modalidade. Os achados ressaltam a importância de políticas públicas esportivas que promovam justiça de gênero e ampliem as oportunidades no handebol de praia.

Palavras-chave: Handebol. Equidade de gênero. Esportes. Profissionalização.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the association between athletes' gender and the perception of inequalities in sports training, remuneration, and professionalization in beach handball. A descriptive and exploratory research with a quantitative approach was conducted, involving 77 athletes who participated in the 2024 Paraná Beach Handball Circuit. Data were collected through a structured questionnaire, and statistical analysis was performed using the Chi-square test. The results showed that gender is significantly associated with the perception of inequalities, particularly regarding remuneration and professionalization. Female athletes reported a higher frequency of unequal experiences compared to male athletes, confirming that formal equality does not yet ensure real equity within the sport. The findings highlight the importance of public sports policies that promote gender justice and broaden opportunities in beach handball.

Keywords: Handball. Gender Equity. Sports. Professionalization.

Introdução

Novas modalidades esportivas vêm ganhando espaço ao se adaptarem a diferentes ambientes e formatos de jogo, reformulando práticas tradicionais e oferecendo novas experiências competitivas^{1,2}. Neste sentido, o handebol de praia, quando comparado a outros esportes mais tradicionais, é um esporte relativamente novo³. Esta modalidade esportiva surgiu em meados dos anos noventa e rapidamente ganhou reconhecimento e adeptos em todos os continentes. Embora compartilhe elementos com o handebol indoor, o handebol de praia possui regras específicas, como jogos disputados em areia com equipes reduzidas e pontuação diferenciada, com equipes reduzidas e pontuação diferenciada, como gols aéreos ou arremessos de 360° que valem dois pontos⁴.

Observando o cenário esportivo atual, percebe-se que o esporte está passando por mudanças significativas, especialmente no que se refere à participação e representação das mulheres⁵. Historicamente, observava-se uma defasagem e desigualdades claras em comparação com os homens, no entanto, tem havido um avanço considerável na visibilidade e nas oportunidades para as atletas femininas⁶. Moura⁷ destaca que, no contexto esportivo, ainda

há uma escassez de mulheres que recebem reconhecimento da mídia em diversas áreas, o que pode limitar o potencial das meninas de se inspirarem para ingressar no campo esportivo, independentemente da especialidade. A representatividade desempenha um papel crucial ao demonstrar a essas jovens que uma carreira no esporte é uma possibilidade real⁸, motivando-as não apenas a fazer parte desse universo, mas também a se sentirem confiantes e seguras em um ambiente frequentemente dominado por homens.

Embora melhorias no cenário esportivo para o público de mulheres tenham sido observadas por elas ao longo dos anos, ainda persistem barreiras e dificuldades significativas enfrentadas pelas mulheres, tanto na fase de iniciação, quanto na fase de profissionalização esportiva⁹⁻¹². Nesse contexto, o desenvolvimento de atletas de alto rendimento requer a integração entre treinamento esportivo e formação acadêmica ou profissional¹³. A harmonização dessas esferas é essencial para promover um desenvolvimento sustentável e integral^{14,15}.

Além das dificuldades e segregações de oportunidades dentro do ambiente esportivo, sabemos que os atletas enfrentam o desafio de equilibrar suas responsabilidades educacionais com suas carreiras esportivas¹⁶. Isso significa que eles devem cumprir suas obrigações acadêmicas ou profissionais, ao mesmo tempo em que se dedicam intensamente aos treinos e competições. Esse equilíbrio é crucial para seu desenvolvimento tanto como estudantes quanto como atletas, garantindo que possam alcançar sucesso em ambos os campos. Como destacam Costa et al.¹⁴, a dupla carreira exige que os estudantes-atletas conciliem os compromissos acadêmicos e os treinos, cumprindo as exigências simultâneas de duas instituições formadoras: a escola/universidade e o esporte.

Embora estudos sobre desigualdade de gênero em modalidades consolidadas como futebol e voleibol sejam frequentes, há uma escassez de investigações que explorem esse fenômeno em esportes emergentes, como o handebol de praia. Essa ausência de investigações específicas limita a compreensão das dinâmicas de desigualdade em modalidades em crescimento, nas quais as mulheres frequentemente enfrentam barreiras simbólicas e estruturais que não aparecem em indicadores objetivos, mas afetam sua permanência e profissionalização^{7,17}. Além disso, estudos indicam que a igualdade formal nas estruturas esportivas muitas vezes mascara formas sutis de exclusão, reforçando a necessidade de análises voltadas ao contexto do handebol de praia^{18,19}. Diante disso o objetivo deste estudo foi de analisar a associação entre o gênero dos atletas e a percepção de desigualdades nas condições de formação esportiva, remuneração e profissionalização no handebol de praia.

Métodos

O presente estudo é caracterizado por uma pesquisa descritiva exploratória transversal com abordagem quantitativa²⁰. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá (parecer n° 63179516.0.0000.0104) e seguiu os princípios éticos da Declaração de Helsinque.

Participantes

A amostra foi composta por 77 atletas que participaram do Circuito Paranaense de Handebol de Praia, realizado no município de São José dos Pinhais/PR, durante os Jogos de Aventura e Natureza, no ano de 2024, Etapa Capital e Região. Esses(as) atletas aceitaram participar voluntariamente da pesquisa, sendo 35 homens ($23,3 \pm 5,35$ anos) e 42 mulheres ($25,7 \pm 7,72$ anos). Após serem esclarecidos sobre as finalidades do estudo e os procedimentos aos quais seriam submetidos, os(as) participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

Instrumento de coleta

Para a coleta de dados relacionados ao perfil socioeconômico, à formação esportiva e às condições atuais de treinamento dos atletas de handebol de praia, utilizou-se um questionário estruturado com questões abertas e fechadas. Este instrumento, intitulado "Questionário para Atletas: Formação, Desenvolvimento e Condições de Treinamento", foi elaborado com base em três eixos temáticos, a fim de abranger diversas dimensões da trajetória esportiva dos participantes. A estrutura e as perguntas do instrumento foram adaptadas com base na leitura do artigo de Martins, Silva e Souza²¹, o qual utilizou um questionário para investigar a trajetória esportiva, a dupla carreira e aspectos socioeconômicos de atletas do futsal. Ressalta-se, no entanto, que a versão original do questionário utilizado pelos autores não estava disponível no artigo, motivo pelo qual a adaptação foi realizada de forma indireta, com base na descrição metodológica e nos eixos temáticos apresentados no estudo.

O primeiro eixo concentrou-se na coleta de informações sobre o perfil socioeconômico dos atletas, incluindo idade, gênero, escolaridade, ocupação dos pais e faixa de remuneração salarial, permitindo uma análise contextualizada das condições sociais dos participantes. O segundo eixo abordou a iniciação e a especialização esportiva, com questões relativas à idade de início da prática, tempo de treino na fase inicial e desafios enfrentados durante a formação, buscando identificar possíveis desigualdades de gênero nesse processo. O terceiro eixo investigou as condições atuais de treinamento e remuneração, além da percepção dos atletas sobre a profissionalização na modalidade, número de horas semanais de treino, satisfação com a remuneração e experiências na conciliação com outros compromissos.

A aplicação do questionário ocorreu durante uma competição oficial da modalidade, com a participação voluntária de todos os atletas presentes. Embora o instrumento tenha sido elaborado de forma autoexplicativa, os pesquisadores estiveram disponíveis para oferecer suporte e esclarecimentos no momento do preenchimento.

Análise estatística

Após a coleta dos dados, estes foram organizados em uma planilha utilizando o software Excel (*Microsoft Office® LTSC Professional Plus 2021*). A distribuição dos dados foi verificada por meio do teste de Shapiro-Wilk. Os dados quantitativos foram analisados por estatística descritiva, sendo expressos em termos de percentual, média e desvio padrão, separados por gênero. Para investigar a associação entre as respostas dos questionários e o gênero dos atletas, foi utilizado o teste de Qui-quadrado. As respostas abertas foram submetidas a uma análise categorial de conteúdo, com categorização realizada por dois avaliadores de forma independente, sendo discutidas as divergências até o consenso final. A análise dos dados foi conduzida utilizando o programa estatístico *Jamovi®* versão 2.3.26. Para todas as análises, foi adotado um nível de significância de $P \leq 0,05$, conforme o padrão comum em pesquisas científicas para determinar a significância estatística dos resultados.

Resultados

O estudo contou com a participação de 77 atletas de handebol de praia, sendo 35 homens ($23,3 \pm 5,35$ anos) e 42 mulheres ($25,7 \pm 7,72$ anos). A tabela 1 apresenta as análises de associação entre o sexo dos participantes e suas percepções sobre desigualdades na formação esportiva, remuneração e profissionalização indicaram diferenças estatisticamente significantes em alguns aspectos. Para a questão "Houve alguma diferença na sua formação esportiva em comparação com atletas do gênero oposto?", observou-se associação significativa com o sexo dos participantes ($\chi^2 = 9,00$; $p = 0,003$). Entre os homens, 97,1% ($n = 34$) responderam "Sim", enquanto entre as mulheres, essa proporção foi de 71,4% ($n = 30$).

Tabela 1. Associação entre o gênero e variáveis relacionadas às condições de treinamento atletas de handebol de praia.

Variáveis	Gênero		n	X ²	P
	Homens	Mulheres			
Diferença na formação esportiva em relação ao gênero oposto?					
Sim	34	30	64	9,00	0,003
Não	1	12	13		
Teve as mesmas oportunidades que o gênero oposto na formação esportiva?					
Sim	26	25	51	1,86	0,173
Não	9	17	26		
Recebe remuneração?					
Sim	11	12	23	0,08	0,785
Não	24	30	54		
Percebe diferença na remuneração?					
Sim	6	20	26	7,93	0,005
Não	29	22	51		
Percebe diferença na profissionalização?					
Sim	5	21	26	10,9	< 0,001
Não	30	21	51		
Conciliação de dupla/tripla carreira (trabalho/estudo/treino)					
Estuda e treina	6	3	9	3,69	0,297
Trabalha e treina	13	14	27		
Trabalha, estuda e treina	16	23	39		
Apenas treina	0	2	2		

Fonte: os autores

Por outro lado, para a pergunta “Você teve as mesmas oportunidades em comparação ao gênero oposto na sua formação esportiva?”, não foi identificada associação estatisticamente significativa entre sexo e resposta ($\chi^2 = 1,86$; $p = 0,173$). Ainda assim, uma menor proporção de mulheres (59,5%) indicou ter tido as mesmas oportunidades, em comparação com os homens (74,3%).

Com relação à remuneração recebida como atleta, a variável “Você recebe remuneração?” não apresentou associação significativa com o sexo ($\chi^2 = 0,08$; $p = 0,785$). Homens e mulheres relataram taxas semelhantes de recebimento (31,4% e 28,6%, respectivamente).

Em contraste, a percepção de desigualdade na remuneração entre os gêneros apresentou associação significativa com o sexo dos atletas ($\chi^2 = 7,93$; $p = 0,005$). Apenas 17,1% dos homens perceberam diferença na remuneração, enquanto que, entre as mulheres, esse número subiu para 47,6%. Por fim, a percepção de desigualdade na profissionalização também foi significativamente associada ao sexo ($\chi^2 = 10,9$; $p < 0,001$). Apenas 14,3% dos homens declararam perceber essa desigualdade, comparados a 50% das mulheres.

Discussão

Os resultados obtidos neste estudo revelam uma configuração complexa em relação às condições de formação e treinamento de atletas homens e mulheres no handebol de praia. Apesar da aparente paridade nas variáveis quantitativas, como faixa de remuneração declarada, idade de início esportivo e carga horária de treinos, observou-se uma diferença significativa nas

percepções das mulheres sobre desigualdades estruturais e simbólicas ao longo de suas trajetórias esportivas.

O achado de proporcionalmente 80,9% das mulheres relataram diferenças na formação esportiva, em contraste com apenas um relato entre os homens, evidencia uma percepção de desigualdade de gênero que não está diretamente refletida em dados objetivos, mas emerge fortemente nas experiências subjetivas femininas. As respostas qualitativas reforçam essa percepção, destacando menor incentivo, acesso limitado à infraestrutura adequada e menor visibilidade das equipes femininas. Tais fatores são consistentes com a literatura, a qual aponta a sub-representação e o apoio institucional desigual às mulheres no esporte^{7,17}. Além disso, pesquisas nacionais mostram que essa assimetria perceptiva está relacionada a formas de violência simbólica e invisível no ambiente esportivo, que naturalizam a desvalorização da mulher atleta¹⁹. Essas violências não se limitam a agressões físicas, mas incluem estigmas, comentários midiáticos sobre aparência e menor apoio institucional, fatores que reforçam estereótipos e impactam diretamente a permanência das mulheres na carreira esportiva.

Ao mesmo tempo, é relevante destacar que os dados indicam certo equilíbrio entre os gêneros em aspectos como carga horária de treinamento atual e remuneração formal, ao menos no que se refere ao valor declarado. Essa aparente equidade pode refletir uma democratização progressiva das condições objetivas, especialmente em modalidades emergentes e de menor expressão comercial, como o handebol de praia. No entanto, esse equilíbrio quantitativo não se traduz automaticamente em equidade de oportunidades ou reconhecimento profissional, como mostram as percepções femininas sobre remuneração e profissionalização.

Os resultados encontrados também se alinham a investigações que demonstram que a igualdade formal nas estruturas esportivas muitas vezes mascara dinâmicas profundas de exclusão simbólica, institucional e cultural. Diversas pesquisas recentes apontam que a falta de representatividade feminina em cargos de liderança, a sobrecarga de trabalho emocional não reconhecido (como a autogestão da carreira e promoção da modalidade) e a imposição de estereótipos de gênero no ambiente esportivo reforçam a permanência da desigualdade entre atletas homens e mulheres^{9,18}. Mesmo em contextos onde há paridade numérica ou igualdade nas condições básicas de treinamento, mulheres frequentemente relatam ausência de reconhecimento, falta de oportunidades de crescimento e pressão constante para comprovar sua legitimidade em espaços historicamente masculinos. Estudos de Goellner^{22,23} demonstram que as desigualdades de gênero no esporte são estruturais, historicamente construídas e reforçadas pela lógica patriarcal que rege as práticas esportivas. Ao analisar o contexto do handebol²⁴, ressaltam que a profissionalização de mulheres segue condicionada a investimentos reduzidos e visibilidade limitada, o que, por sua vez, reforça as percepções das atletas aqui pesquisadas sobre a desigualdade na remuneração e no reconhecimento profissional. Nesse sentido, as experiências relatadas neste estudo dialogam com um cenário mais amplo do esporte brasileiro, no qual o protagonismo feminino ainda é sistematicamente subvalorizado.

É importante destacar que as condições de treinamento, embora apresentem indicadores quantitativos semelhantes entre homens e mulheres, não podem ser analisadas apenas pelo prisma da carga horária ou da participação em competições. Como argumentam Altmann²⁵ e Devidé²⁶, a experiência feminina no esporte é atravessada por assimetrias estruturais que se expressam no acesso diferenciado a treinadores qualificados, infraestrutura adequada e apoio técnico. Estudos recentes reforçam que a precariedade de recursos atinge ambos os gêneros em modalidades emergentes como o handebol de praia, mas para as mulheres essa precariedade soma-se a barreiras simbólicas e culturais, tornando a trajetória mais restritiva^{24,27}. Goellner^{22,23} acrescenta que essas desigualdades não são meramente conjunturais, mas estruturais, pois refletem a própria lógica histórica da exclusão das mulheres do campo esportivo. Portanto, compreender as condições de treinamento exige ir além de métricas objetivas, reconhecendo

que as desigualdades de gênero se materializam também em experiências subjetivas, expectativas sociais e menor valorização institucional das carreiras femininas.

A discrepância entre as percepções de homens e mulheres quanto à igualdade de remuneração e profissionalização foi um dos pontos mais marcantes do estudo. Enquanto a maioria dos homens afirmou não perceber diferenças, as mulheres, nas questões abertas, relataram experiências recorrentes de desigualdade, tanto em reconhecimento financeiro quanto em convites para eventos, apoio de patrocinadores e visibilidade institucional. Esses achados reiteram que as desigualdades de gênero no esporte não se restringem ao acesso, mas se manifestam em dinâmicas simbólicas de valorização, legitimidade e pertencimento^{8,28}.

Além disso, os relatos das mulheres apontaram barreiras específicas associadas à conciliação entre a prática esportiva e responsabilidades familiares, como a maternidade e a ausência de redes de apoio, fatores historicamente pouco considerados nas políticas de desenvolvimento esportivo. Essa dimensão reforça a necessidade de políticas públicas e ações institucionais que considerem as múltiplas dimensões da vivência esportiva feminina, especialmente no que se refere à permanência e ascensão na carreira esportiva.

Essa necessidade se torna ainda mais evidente quando consideramos que as trajetórias esportivas de mulheres estão frequentemente atravessadas por múltiplas formas de discriminação interseccional. Estudos como os de Holzer²⁹ e Cannoot et al.³⁰ revelam que regulamentos sobre vestimenta, critérios hormonais e práticas institucionais têm historicamente imposto barreiras específicas às mulheres, sobretudo quando questões de gênero, raça e orientação sexual se cruzam. Tais exigências, muitas vezes naturalizadas no ambiente esportivo, contribuem para a construção de um ideal de corpo e conduta atlética que exclui corpos femininos que não se encaixam nos padrões dominantes. Isso repercute diretamente na percepção de pertencimento e na autoestima esportiva, levando muitas atletas a abandonarem precocemente suas carreiras²⁹.

Embora os relatos das mulheres evidenciem experiências marcadas por desigualdades em diferentes esferas da formação e profissionalização esportiva, os homens, em sua maioria, não percebem essas distinções de maneira explícita. Tal assimetria perceptiva pode indicar uma naturalização de privilégios históricos ou uma ausência de vivência direta com os obstáculos enfrentados pelas mulheres. Assim, a escassez de comentários por parte dos homens nas questões abertas do questionário pode revelar não apenas desconhecimento, mas também distanciamento das dinâmicas que sustentam a desigualdade de gênero no esporte^{19,31}.

É fundamental destacar que as disparidades de gênero no esporte não se manifestam apenas em desigualdades visíveis como remuneração ou acesso a infraestrutura, mas também em elementos subjetivos e simbólicos que configuram um sistema esportivo ainda estruturado sob lógicas masculinas. A literatura recente tem apontado para a importância de adotar abordagens baseadas nas capacidades de ação e percepção das atletas, como no modelo de affordances de Zheng & van der Kamp³², que sugere a adaptação das práticas e regulamentos esportivos a partir das capacidades específicas das mulheres, promovendo um ambiente mais inclusivo. Além disso, a inclusão ativa de atletas mulheres nos processos decisórios e na construção das políticas esportivas é apontada como passo crucial para a transformação estrutural da cultura esportiva contemporânea.

Cabe ressaltar, no entanto, que o fato de uma parcela dos homens também enfrentar condições precárias de treinamento, como a falta de remuneração e apoio institucional, aponta para um cenário mais amplo de fragilidade estrutural da modalidade no Brasil^{7,15}. A precariedade afeta atletas de ambos os gêneros, ainda que de formas distintas. No caso das mulheres, soma-se a isso a carga simbólica de estigmas sociais, expectativas de gênero e desafios adicionais, como a conciliação com a vida familiar^{8,16}. Portanto, embora existam pontos de convergência entre os desafios enfrentados por homens e mulheres no handebol de

praia, as repercussões desses desafios são frequentemente mais profundas para o público feminino.

Outro aspecto relevante é a persistência das chamadas violências ocultas no esporte, especialmente no handebol, que se manifestam por meio de comentários depreciativos, preconceitos e estereótipos de gênero¹⁹. Esses mecanismos simbólicos, muitas vezes sutis, operam como barreiras adicionais às atletas, exigindo delas constante comprovação de competência e resiliência frente a uma cultura esportiva ainda hegemonicamente masculina. Assim, mesmo em contextos de aparente equidade quantitativa, as mulheres enfrentam obstáculos qualitativamente mais complexos para afirmar suas trajetórias esportivas.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se o recorte amostral regional, restrito a uma etapa do Circuito Paranaense, o que limita a generalização dos resultados para outros contextos. O instrumento utilizado nesta pesquisa não passou por um processo formal de validação psicométrica, o que configura uma limitação metodológica a ser considerada na interpretação dos dados. Além disso, a dependência de dados autorreferidos pode introduzir vieses de percepção, sobretudo em temas sensíveis como desigualdade e reconhecimento. Sugere-se, para pesquisas futuras, o uso de métodos mistos com entrevistas aprofundadas, bem como o acompanhamento longitudinal de atletas para compreender a evolução das percepções e das condições objetivas ao longo do tempo. Também seria relevante investigar a interseccionalidade entre gênero, classe, raça e território, ampliando a compreensão dos mecanismos de desigualdade no esporte.

Em síntese, embora os dados objetivos do presente estudo apontem para certa equivalência entre homens e mulheres, em termos de condições formais de treinamento e remuneração, as percepções relatadas, sobretudo pelas mulheres, os mesmos indicam a permanência de barreiras estruturais e simbólicas que comprometem a equidade no desenvolvimento esportivo. A análise integrada dos dados permite afirmar que, no contexto do handebol de praia, a igualdade formal ainda não é acompanhada por um reconhecimento equitativo das trajetórias e necessidades de atletas de ambos os gêneros.

Conclusões

Este estudo evidenciou que o gênero dos(as) atletas está significativamente associado à percepção de desigualdades na formação esportiva, na remuneração e na profissionalização no handebol de praia. As mulheres relataram com maior frequência experiências de desigualdade em comparação aos homens, especialmente no que se refere ao reconhecimento profissional. Esses achados confirmam que a igualdade formal não garante equidade real, ressaltando a importância de ações específicas para promover justiça de gênero no desenvolvimento esportivo da modalidade.

Os resultados também indicam que, mesmo em um cenário no qual homens e mulheres declaram condições objetivas semelhantes de treinamento, como carga horária semanal e acesso às competições, as atletas vivenciam barreiras simbólicas e estruturais persistentes, vinculadas a estereótipos de gênero, invisibilidade midiática e menor apoio institucional, elementos que afetam a continuidade e a ascensão em suas carreiras esportivas.

Entre as limitações do estudo, destacam-se o recorte regional da amostra e o uso de dados autorreferidos, que podem restringir a generalização dos resultados e introduzir vieses de percepção. Para superar essas lacunas, recomenda-se que futuras pesquisas adotem delineamentos longitudinais e metodologias mistas, capazes de integrar análises quantitativas e qualitativas, além de contemplarem perspectivas interseccionais que considerem gênero, raça, classe social e território.

Do ponto de vista prático, os achados reforçam a necessidade de políticas públicas robustas e ações institucionais articuladas que garantam equidade no acesso a recursos, condições de treinamento e oportunidades de profissionalização. Estratégias como investimentos em infraestrutura esportiva, programas de apoio financeiro, ampliação da visibilidade midiática das modalidades praticadas por mulheres e mecanismos de fomento à liderança de mulheres em cargos de gestão esportiva são fundamentais para consolidar suas trajetórias e reduzir desigualdades históricas no esporte.

Referências

1. Frajácomo MT, Cintrão JF, Sossae FC, Lazarini SC. Adaptações de modalidades esportivas: propostas de atividades para a Educação Física no ensino fundamental. *Rev Bras Multidiscip.* 2007 [citado em 10 set. 2025];11(1):167–76. DOI: <https://doi.org/10.25061/2527-2675/ReBraM/2007.v11i1.238>
2. Galatti LR, Paes RR, Collet C, Seoane AM. Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno. *Corpoconsciência.* 2018 [citado em 10 set. 2025];22(3):115–27. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/6444>
3. Pueo B, Jimenez-Olmedo JM, Penichet-Tomás A, Ortega Becerra M, Espina Agulló JJ. Analysis of time-motion and heart rate in elite male and female beach handball. *J Sports Sci Med.* 2017 [citado em 10 set. 2025];16(4):450–8. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC5721173>
4. International Handball Federation. Rules of the game – Beach Handball [Internet]. Basel: IHF; 2022 [citado em 10 set. 2025]. Disponível em: https://www.ihf.info/sites/default/files/2022-02/09B%20-%20Rules%20of%20the%20Game_Beach%20Handball_E.pdf
5. Pape M. Gender segregation and trajectories of organizational change: the underrepresentation of women in sports leadership. *Gend Soc.* 2020;34(1):81–105. DOI: <https://doi.org/10.1177/0891243219867914>
6. Souza RC, Eugênio FR, Vimieiro AC. Elas por elas: a cobertura noticiosa do futebol de mulheres em podcasts brasileiros de 2018 a 2022. *FuLiA.* 2023 ;8(2):101–29. DOI: <https://doi.org/10.35699/2526-4494.2023.45281>
7. Moura GX. Por que não se importam com elas? O esporte de mulheres na agenda governamental no Brasil [tese]. Maringá: Universidade Estadual de Maringá; 2022[citado em 10 set. 2025]. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/8156>
8. Midgley C, DeBues-Stafford G, Lockwood P, Thai S. She needs to see it to be it: the importance of same-gender athletic role models. *Sex Roles.* 2021;85(3):142–60. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11199-020-01209-y>
9. Hindman LC, Walker NA. Sexism in professional sports: how women managers experience and survive sport organizational culture. *J Sport Manag.* 2020;34(1):64–76. DOI: <https://doi.org/10.1123/jsm.2018-0331>
10. Kenttä G, Bentzen M, Dieffenbach K, Olusoga P. Challenges experienced by women high-performance coaches: sustainability in the profession. *Int Sport Coach J.* 2020;7(3):200–8. DOI: <https://doi.org/10.1123/iscj.2019-0029>
11. Miller TS. Overcoming barriers & obstacles: a phenomenological study of female leaders in collegiate athletics [dissertação]. Columbia: Columbia International University; 2022 [citado em 10 set. 2025]. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/ed9eb942798fa866decc54d9f828b56e/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>
12. Portela-Pino I, López-Castedo A, Martínez-Patiño MJ, Valverde-Esteve T, Domínguez-Alonso J. Gender differences in motivation and barriers for the practice of physical exercise in adolescence. *Int J Environ Res Public Health.* 2020 ;17(1):168. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph17010168>
13. Varmus M, Mićiak M, Toman D, et al. Athletes' education for their successful future career after sports—perspective of former athletes and potential employers. *Adm Sci.* 2025;15(2):46. DOI: <https://doi.org/10.3390/admsci15020046>
14. Costa FR, Rocha HPA, Cadavid MAA. Sobre a dupla carreira esportiva e o direito à educação. *Temas Educ Fís Esc.* 2018 [citado em 10 set. 2025];3(1):1–6. DOI: <https://doi.org/10.33025/tefe.v3i1.1910>
15. Lima L, Reverdito R, Scaglia A, Galatti L. Engagement in athletic career: a study of female Brazilian handball world champions. *Int J Sports Sci Coach.* 2022;18(4):1–11. DOI: <https://doi.org/10.1177/17479541221106763>
16. Harrison GE, Vickers E, Fletcher D, Taylor G. Elite female soccer players' dual career plans and the demands they encounter. *J Appl Sport Psychol.* 2022;34(1):133–54. DOI: <https://doi.org/10.1080/10413200.2020.1716871>

17. Goellner SV. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Tempo*. 2013;19(34):45–52. DOI: <https://doi.org/10.5533/TEM-1980-542X-2013173405>
18. Wicker P, Cunningham GB. Attitudes toward gender equality in sport among Europeans. *Front Psychol*. 2025;16:1529003. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2025.1529003>
19. Matos MC, Xavier TB. As violências ocultas dentro do universo esportivo feminino: uma abordagem dentro do handebol. *Int J Phys Educ*. 2020 [citado em 10 set. 2025];2(1). Disponível em: <https://app.periodikos.com.br/journal/ijpe/article/5eeb9bee0e8825373dbf3a9b>
20. Thomas JR, Nelson JK, Silverman SJ. Métodos de pesquisa em atividade física. 6th ed. Porto Alegre: Artmed; 2012.
21. Martins MZ, Silva BS, Souza ACF. Dupla carreira e mobilidade social no futsal brasileiro: diferenças entre homens e mulheres. *J Phys Educ*. 2022;32:e3249. DOI: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v32i1.3249>
22. Goellner SV. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar Prática*. 2005;8(1):85–100. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v8i1.106>
23. Goellner SV, Martins MZ. Mulheres e esporte: rotas investigativas, éticas e políticas. *Corpoconsciência*. 2024;28:e17266. DOI: <https://doi.org/10.51283/rc.28.e17266>
24. Bergantín M, Moura G, Starepravo F. “Sua mãe joga handebol?”: a participação de mulheres adultas no esporte no distrito de Florianópolis/Maringá-PR. *Rev ALESDE*. 2023;15(1):3–21. DOI: <https://doi.org/10.5380/jlass.v15i1.89584>
25. Altmann H. Exclusão nos esportes sob um enfoque de gênero. *Motus Corp*. 2002;9(1):9–20.
26. Devides FP. Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos modernos. Ijuí: Unijuí; 2005.
27. Costa GDCT, Souza NP, Freire AB, et al. Analysis of associations and factors predicting the effectiveness of finalization in the female handball of high level. *J Phys Educ*. 2020;31:e3158. DOI: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v31i1.3158>
28. Chahardovali T, McLeod C. Manufacturing dreams and investing in future generations: women athletes’ inspirational labor in the marketing and promotion of their sport. *Sociol Sport J*. 2022;40(3):1–10. DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.2022-0092>
29. Cannoot P, de Graaf C, Decoster A, Poppelwell-Scevak C, Schoentjes S. Hormonal eligibility criteria in women’s professional sports under the ECHR: the case of Caster Semenya v. Switzerland. In: *Sports and human rights*. Vol. 1. Cham: Springer Nature Switzerland; 2024. p. 95–123. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-031-56452-9_5
30. Holzer L. Gendered athletes in sports: CEDAW’s role in tackling heterosexist and racialized uniforms in sports. In: Boillet V, Weerts S, Ziegler AR, editors. *Sports and human rights. Interdisciplinary Studies in Human Rights*. Cham: Springer; 2024. p. 43–61. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-031-56452-9_3
31. Connell R. *Gender and power: society, the person and sexual politics*. Hoboken: John Wiley & Sons; 2013.
32. Zheng R, van der Kamp J. Action over anthropometrics: an action-scaled framework for youth sports modifications. *Front Psychol*. 2025;16:1559656. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2025.1559656>

Agradecimentos: Agradecemos à Liga de Handebol do Paraná (LHPR), à Secretaria do Estado do Esporte (SEES e Paraná Esporte) e aos Jogos de Aventura e Natureza pelo apoio institucional à realização desta pesquisa. Estendemos nosso reconhecimento às equipes participantes da primeira etapa do Circuito Paranaense de Handebol de Praia, cuja colaboração foi fundamental para o desenvolvimento e êxito deste estudo, bem como para o fortalecimento da modalidade no estado do Paraná.

Declaração CRediT de autoria

Higor Santos Fonseca: Investigação, Metodologia, Análise formal, Redação – rascunho original.
Natália Nascimento da Silva: Investigação, Metodologia, Redação – rascunho original.
Giovanna Xavier de Moura: Supervisão, Redação – rascunho original.
Ágatha Graça: Redação – revisão e edição.
Arthur Garcia de Sales: Redação – revisão e edição.
Matheus Amarante do Nascimento: Redação – revisão e edição.
Fernando Augusto Starepravo: Redação – revisão e edição.

ORCID

Higor Santos Fonseca: <https://orcid.org/0000-0003-2676-6576>

Nathalia Nascimento da Silva: <https://orcid.org/0009-0000-0550-9816>
Giovanna Xavier de Moura: <https://orcid.org/0000-0001-5493-7059>
Ágatha Graça: <https://orcid.org/0000-0003-2094-1863>
Arthur Garcia de Sales: <https://orcid.org/0009-0005-2964-7531>
Matheus Amarante do Nascimento: <https://orcid.org/0000-0002-4677-8956>
Fernando Augusto Starepravo: <https://orcid.org/0000-0002-1655-998X>

Editor: Carlos Herold Junior.
Recebido em 26/05/2025.
Revisado em 19/08/2025.
Aceito em 25/08/2025.

Endereço para correspondência: Higor Santos Fonseca, higorfonse@gmail.com